Psicodrama, gênero e clínica crítica em cena

Tici Jardim Pimenta[1]

Soraia André César[2]

RESUMO

Esta aula discute as relações entre psicodrama, gênero e prática clínica, propondo uma revisão crítica dos pressupostos normativos que ainda permeiam tanto a tradição moreniana quanto as formas contemporâneas de cuidado. Parte-se do reconhecimento de que, embora Jacob Levy Moreno tenha formulado um projeto terapêutico ambicioso e voltado à transformação coletiva, sua obra não alcançou, de modo suficiente, questões hoje incontornáveis, como a cisheteronormatividade, o binarismo de gênero, a racialização dos corpos e o silenciamento de existências dissidentes. Os materiais de base sustentam, assim, a necessidade de descolonizar o palco psicodramático, em diálogo com Daniela Ribeiro (2023; 2024) em seu resgate dos elementos decoloniais da teoria moreniana, e de ampliar quem pode protagonizar, improvisar e produzir sentido em cena. A fundamentação científica articula contribuições de Favero (2022), Preciado (2019, 2023), Vergueiro (2016), Connell e Pearse (2015), Butler (2024), Colling, Sousa e Casteleira (2024), além do próprio Moreno (2014; 2018; 2019). Em conjunto, essas obras sustentam que gênero e sexualidade não são dados naturais, mas campos histórico-políticos de regulação, disputa e invenção, exigindo uma clínica implicada, crítica e eticamente comprometida com vidas precarizadas. O objetivo é promover letramento crítico sobre diversidade sexual e de gênero no campo psicodramático, oferecendo ferramentas conceituais e sensíveis para a criação de espaços grupais e clínicos mais afirmativos, politicamente conscientes e abertos ao conflito criativo. Metodologicamente, a proposta combina exposição dialogada, historicização conceitual, problematização clínica e disparadores vivenciais orientados por perguntas ético-políticas dirigidas ao grupo. Como resultados esperados, busca-se desnaturalizar normas de gênero e sexualidade, qualificar a escuta clínica diante de sofrimentos produzidos por violências cisheteronormativas e fortalecer o psicodrama como prática relacional, decolonial e inventiva, capaz de sustentar o dissenso, a pluralidade e a co-construção de novos modos de existência.

Palavras-chave: Psicodrama. Gênero. Dissidência. Decolonialidade. Conflitos.

[1] Mestra e Doutoranda em Linguística (Unifran), Especialista em Sexologia Aplicada (InPaSex) e estudante de Psicodrama Nível I (Casa do Encontro); ticiano_pimenta@hotmail.com.
[2] Soraia André César, Psicodramatista Didata (NEPSAR); neydinhadoceu@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho discute as relações entre psicodrama, gênero e prática clínica, propondo uma revisão crítica dos pressupostos normativos que ainda atravessam a tradição moreniana e as formas contemporâneas de cuidado. Seu tema central é interrogar em que medida o psicodrama, apesar de sua força inventiva, relacional e grupal, pode continuar sendo mobilizado como prática crítica sem enfrentar, de modo mais direto, a cisheteronormatividade, o binarismo de gênero, a racialização dos corpos, a colonialidade dos saberes psi e o apagamento de existências dissidentes. Parte-se do reconhecimento de que Jacob Levy Moreno formulou uma teoria vigorosa da espontaneidade, do encontro, dos papéis e da criação coletiva, com ênfase na transformação das relações humanas (Moreno, 2014, 2018, 2019). No entanto, sua obra não tematizou os regimes contemporâneos de gênero e sexualidade, nem os enquadramentos normativos que distribuem, de forma desigual, reconhecimento, sofrimento e possibilidade de existência.

A justificativa reside na necessidade de ampliar o campo psicodramático a partir de debates que demonstram que corpo, gênero, sexualidade e subjetividade não são dados naturais, mas produções histórico-políticas. Butler (2022, 2024), Connell e Pearse (2015), Preciado (2019, 2023), Vergueiro (2016), Colling, Sousa e Casteleira (2024), Favero (2022) e Ribeiro (2023, 2024) mostram que a clínica não opera em vazio social, mas é atravessada por normas e relações de poder que definem quais vidas aparecem como legítimas, coerentes, saudáveis ou passíveis de escuta. Discutir gênero no psicodrama, assim, não significa acrescentar um tema suplementar ao campo, mas sim revisar criticamente suas bases de inteligibilidade.

O objetivo geral é problematizar as relações entre psicodrama, gênero e clínica, oferecendo subsídios conceituais e metodológicos para a criação de espaços grupais e clínicos mais implicados, afirmativos e abertos ao conflito criativo. Especificamente, pretende-se discutir os limites do sujeito implícito na tradição moreniana, historicizar o debate sobre

diversidade sexual e de gênero e propor a noção de letramento sujo como via de enfrentamento às formas assépticas e normativas dos saberes psi.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O Homem moreniano ou coisas que Moreno não pode, quis ou teve tempo de ver

A tradição psicodramática destaca o caráter inovador de Moreno em relação a modelos clínicos centrados na interioridade isolada, na adaptação subjetiva e na cristalização das relações. Em *Who shall survive?* e *The Essential Moreno*, o autor afirma a espontaneidade-criadora, o encontro e a cena como operadores centrais da transformação social e clínica (Moreno, 2018, 2019). Em sua *Autobiografia*, apresenta-se como formulador de uma visão ampliada da existência humana, comprometido com a criação, a ação e a reconfiguração dos vínculos (Moreno, 2014). Essa herança permanece fértil para pensar práticas menos individualizantes e mais abertas à co-construção do possível.

Entretanto, reconhecer tal potência não implica blindar sua obra da crítica. A expressão "homem moreniano" funciona como operador para interrogar o sujeito presumido por certa tradição psicodramática, isto é, o corpo que sobe ao palco como universal, o conflito tomado como paradigmático e a experiência presumida como representativa do humano. Questões hoje decisivas, como cisnormatividade, colonialidade, racialização e dissidência sexual e de gênero, não foram tematizadas por Moreno nos termos em que se tornaram urgentes no presente. Isso não anula sua contribuição, mas impede que ela seja considerada uma resposta suficiente.

Ribeiro (2023, 2024) propõe uma leitura decolonial do psicodrama, orientada à superação de epistemicídios históricos e à abertura do campo a outras matrizes de experiência e de saber. Descolonizar o palco psicodramático significa reconhecer que ele nunca foi neutro, mas sim atravessado por relações de poder, normas sociais e regimes de reconhecimento que definem quem pode protagonizar, improvisar e ser lido como sujeito pleno de enunciação.

2.2 Diversidade sexual e de gênero: navalhas conceituais, algazarras políticas ou quem tem medo do fantasma do gênero?

A discussão sobre diversidade sexual e de gênero costuma ser alvo de caricaturas que a reduzem a modismo, a excesso identitário ou a ameaça moral. Contra esse enquadramento, este trabalho sustenta que gênero e sexualidade são campos histórico-políticos de regulação, disputa, invenção e violência. Connell e Pearse (2015) demonstram que o gênero deve ser compreendido como uma estrutura social e relacional. Butler (2022) mostra que certas vidas tornam-se menos vivíveis sob os enquadramentos normativos que definem o que conta como corpo, pessoa e existência legítima. Em *Quem tem medo do gênero?*, Butler (2024) evidencia como os pânicos morais em torno do gênero operam como reação política à desestabilização de normas naturalizadas.

Preciado (2019, 2023) mostra que corpo, sexo, gênero e desejo são organizados por tecnologias biopolíticas e farmacopornográficas que administram subjetividades, afetos e formas de vida. Vergueiro (2016) explicita como a cisgeneridade opera como normatividade silenciosa, e Colling, Sousa e Casteleira (2024) propõem pensar o pós-queer/cuir como um campo de deslocamento crítico.

No campo psicodramático, isso exige recolocar as perguntas sobre o próprio método. O que se entende por ‘espontaneidade’ quando certos corpos precisam primeiro se justificar para aparecer? O que se entende por ‘papel’ quando algumas existências são reconhecidas como naturais e outras como aberrações? O que se entende por ‘encontro’ quando toda cena já está hierarquizada por normas de gênero, sexualidade, raça e classe?

2.3 Letramento sujo ou versões menos assépticas de psicologia e psicodrama

A noção de letramento sujo é mobilizada aqui como resposta à assepsia conceitual e política que frequentemente organiza os saberes psi. “Sujo”, neste contexto, não significa

"impreciso", mas "implicado". Trata-se de um letramento contaminado pela história, pela materialidade do sofrimento e pelas tensões do presente. Em vez de apenas atualizar terminologias, ele procura transformar os modos de ler, escutar e intervir diante de experiências produzidas em contextos de desigualdade, violência e normatização.

Favero (2022) é central para esse deslocamento ao criticar os modos como a clínica e as psicologias podem reiterar normas cisgêneras, higienizar conflitos e converter dissidências em problemas individuais. Ribeiro (2023, 2024) amplia essa crítica ao defender práticas psicodramáticas abertas à decolonialidade e à pluralização dos modos de produção do saber. Butler (2022) e Preciado (2023) ajudam a compreender que nem toda escuta acolhe de fato, pois algumas apenas reinscrevem o sujeito nos mesmos enquadramentos que o precarizam.

Do ponto de vista teórico-metodológico, essa proposta combina exposição dialogada, historicização conceitual, problematização clínica e disparadores vivenciais dirigidos ao grupo. A dimensão vivencial não aparece como ilustração secundária, mas como parte constitutiva do método. Esse letramento procura ampliar a capacidade de reconhecer sofrimentos produzidos ou agravados por violências cisheteronormativas, raciais e institucionais e fortalecer uma imaginação clínica capaz de sustentar a pluralidade das experiências, sem reduzi-las a desvios ou a déficits de adaptação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui desenvolvidas permitem sustentar que, no presente, o potencial transformador do psicodrama depende de sua capacidade de se deixar interpelar pelas críticas produzidas a partir das dissidências sexuais e de gênero, bem como pelos debates sobre colonialidade, norma, reconhecimento e precariedade. Isso significa que a diversidade sexual e de gênero não deve ser tratada como apêndice periférico da formação psicodramática, mas como questão central para que renovações ético-políticas possam ocorrer. Ao discutir os limites do sujeito implícito na tradição moreniana, problematizar o fantasma do gênero e propor a

noção de letramento sujo, este trabalho defende uma clínica crítica em cena, capaz de sustentar o dissenso, a pluralidade e a co-construção de mundos mais vivíveis.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. Tradução de Aléxia Bretas et al. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2024.

COLLING, Leandro; SOUSA, Christian Gustavo de; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. Provocações iniciais para pensar o pós-queer/cuir no Brasil da atualidade. **Conceição|Conception**, v. 13, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/386884037_Provocacoes_iniciais_para_pensar_o_pos-queercuir_no_Brasil_da_atualidade.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

FAVERO, Sofia. **Psicologia suja**. Salvador: Devires, 2022.

MORENO, Jacob Levy. **Autobiografia**. Tradução de Luciana Cuschnir. São Paulo: Ágora, 2014.

MORENO, Jacob Levy. **Who shall survive? A new approach to the problem of human interrelations**. Washington: Nervous and Mental Disease Publishing Co., 2018.

MORENO, Jacob Levy. **The Essential Moreno: Writings on Psychodrama, Group Method, and Spontaneity**. New Paltz: Tusitala Publishing, 2019.

PRECIADO, Paul B. **An apartment on Uranus**. Tradução de Charlotte Mandell. Londres: Fitzcarraldo Editions, 2019. [Edição Kindle]

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

RIBEIRO, Daniela de Figueiredo. A decolonialidade na pesquisa e prática psicodramáticas: pela superação de epistemicídios históricos. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 31, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/W5KmxZvgKcDCwm5QfrjZHMS/abstract/?lang=pt. Acesso em: 17 fev. 2026.

RIBEIRO, Daniela de Figueiredo. Uma floresta de árvores anciãs: sonho-ação sobre psicoterapia de grupo psicodramática. In: VOMERO, Laura de Souza Zingra et al. **Que mundo queremos?: eu, você, nós!**. São Paulo: Federação Brasileira de Psicodrama, 2024.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2016. 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.